

Por enquanto, temos apenas um sopro de reativação; mas temos

Pedro Cafardo (*)



Amplia-se, a cada dia, um curioso debate: uns defendem e outros contestam a tese de que houve reativação da atividade econômica no primeiro trimestre. A esta altura, tãmanhas são as evidências desse crescimento da atividade que o debate mais útil talvez pudesse enfocar a possibilidade de manutenção da tendência diante da atual política restritiva do governo.

Ironicamente, contesta-se a reativação com igual ênfase no Palácio do Planalto e no Palácio dos Bandeirantes. As duas partes têm motivos para isso. Em Brasília, a Secretaria do Planejamento quer mostrar aos credores externos que mantém a terapia recessiva recomendada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Qualquer tendência de expansão da economia poderia levantar dúvidas sobre se os remédios estariam sendo aplicados com rigor.

Em São Paulo, a administração estadual preocupa-se com a generalização da idéia de que há uma reativação da atividade. Isso poderia dar a impressão de que o estado começou a arrecadar mais recursos e, nesse caso, deveria cumprir com maior presteza promessas salariais feitas durante a campanha eleitoral de 1982.

Mas pelo menos a administração de São Paulo teria argumentos de sobra para rebater insinuações sobre o aumento real da receita sem combater a tese da reativação do primeiro trimestre. Há claras evidências de que o cresci-

do historicamente exportada nas últimas duas décadas. Devido à queda violenta do consumo interno verificada a partir de 1980, é possível que essa relação tenha sido um pouco alterada. Há cálculos segundo os quais a indústria estaria exportando hoje, aproximadamente, 15% de sua produção.

Mesmo admitindo-se o nível de 10%, entretanto, os efeitos do crescimento das exportações de manufaturados durante o primeiro trimestre, pela sua dimensão, são necessariamente grandes sobre o nível de atividade industrial. Se a indústria exporta 10% de sua produção e se essa parcela cresce 50%, como aconteceu em fevereiro, isso significa que a sua atividade se expandiu 5%.

Os que contestam a tese de que houve reativação no primeiro trimestre afir-

mam que o crescimento decorrente das exportações, devido à pequena participação destas no produto, pode ser facilmente anulado por pequena redução na produção voltada para o setor interno. Estão certos. O produto perdido com uma queda de 5% na produção voltada para o mercado interno, por exemplo, seria quase suficiente para compensar o ganho de produto obtido com o crescimento de 50% nas exportações.

E preciso saber, porém, se houve efetivamente uma queda de 5% na atividade da indústria voltada para o mercado interno no primeiro trimestre. Não é isso que mostram os dados até agora disponíveis. O último levantamento da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) sobre o nível de produção física total da indústria brasileira indica

um crescimento de 3,5% em janeiro.

Os que consideram a FIBGE pouco confiável poderiam analisar os dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), sobre o nível de emprego, e da Eletropaulo, sobre o consumo de energia elétrica industrial.

Os levantamentos feitos pela FIESP sobre a contratação de mão-de-obra em 620 indústrias paulistas indicam na mesma direção dos dados da FIBGE. De 1º de fevereiro à terceira semana de março a indústria de São Paulo já contratou 7.500 empregados. Nada extravagante, é verdade, para um parque industrial que empregava 2 milhões de pessoas em fins de 1980 e dispensou mais de 450 mil nos últimos três anos. Mas, após esse longo período de demissões continuadas, a indústria paulista está fi-

nalmente absorvendo mão-de-obra a um ritmo médio de mil pessoas por semana. Por que estranha razão estaria contratando pessoal senão para ampliar a produção?

Além disso, por que estranha razão estaria a indústria consumindo mais energia elétrica senão para produzir mais? Não tem fundamento o argumento de que esse crescimento se deve exclusivamente ao processo de substituição do consumo de derivados de petróleo por energia elétrica. Também é ridículo sustentar que toda a expansão do consumo de energia elétrica industrial verificada no primeiro trimestre em São Paulo (de 20,6%) se deve ao crescimento da produção. A maior parte disso decorre da substituição. Mas, segundo estatísticas da Eletropaulo, que excluem o consumo adicional

decorrente da substituição, as indústrias paulistas gastaram neste primeiro trimestre 8,6% mais energia do que no primeiro trimestre do ano passado.

Continuará a reativação? — esta é a pergunta relevante no momento. A inflação e os juros continuam altos. Não há investimentos e o governo mantém a firme disposição de adotar políticas monetárias e creditícias restritivas, como prometeu ao FMI. Além disso, não há garantias de que o ritmo frenético das exportações de manufaturados do primeiro trimestre poderá ser mantido.

E muito cedo, enfim, para saber se a economia continuará a crescer nos próximos meses. Por enquanto, temos apenas um sopro de reativação. Mas só não o sente quem não quer.

(*) Editor deste jornal.

mento da produção industrial nos primeiros meses deste ano foi fruto quase exclusivo das exportações de manufaturados.

As vendas externas de manufaturados cresceram 50% em fevereiro e 40% em março, se comparadas com as de fevereiro e março do ano passado. Esse crescimento é certamente o fato mais relevante da reativação industrial. Apenas 10% da produção da indústria brasileira vem sen-